

**COLUNA**

## **AFROGAY**

# **Os tentáculos da eugenia agem sob o discurso do fascismo**

**César Gomes Lola**

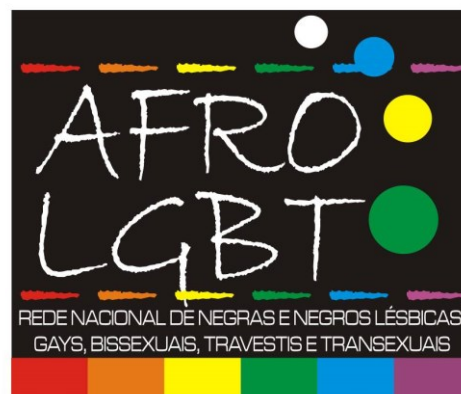
Quero aqui me fundamentar na leitura da escritora Gislene Aparecida dos Santos que escreveu para a Coleção: Percepções da diferença: negros e brancos na escola. A leitura levou-me para tantos caminhos reflexíveis...

Parto desta leitura na expectativa de que devemos educar as crianças para que no futuro adulto elas não sejam racistas, homofóbicas e discriminatórias. Creio que a minha inquietação dialoga com os dados do Relatório de 2005, da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, que se coloca como preocupada com os altos índices de violências registradas no continente americano contra a população LGBTTI.

Findada a Segunda Guerra Mundial, o mundo se vê assustado com as atrocidades da política nazista colocando se como supremacia acirando e hierarquizando as diferenças entre os povos.

Nesse cenário aterrorizador é que o discurso da intolerância trava uma guerra ideológica, moral com o discurso da empatia; pensamentos totalitários enredado pela lógica da higienização social e extermínio do diferente tido como inferior.

Toda luta contra qualquer tipo de discriminação tem que cumprir o seu papel em apontar para o óbvio: que as diferenças entre grupos humanos, os povos, não devem se sobrepor à humanidade de todos; entre estes grupos humanos também estamos nós lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis;



merecedores dos mesmos direitos. Voltemos nosso pensar para uma retomada dos valores que moveram a Revolução Francesa: Liberdade. Fraternidade. Igualdade.

O reconhecimento das diferenças como ponto de partida a criar e fomentar ações de direitos civis e de políticas sociais e educacionais que almejam corrigir as desigualdades que a sociedade originou dentro de uma visão totalitária.

A ideologia neofascista opera por meio de ultra generalização (ou estereótipos) e do ocultamento de parcelas da realidade que são negadas para que o discurso ideológico faça sentido. Por esse viés é que corre de boca em boca que o negro é incapaz, violento, desordeiro, perigoso; que as pessoas LGBTQT só vivem para a fornicção e as imoralidades, incapazes de uma educação para o convívio social.

Citando Gisele Aparecida,

Vejam só que interessante: mães e pais ficam felizes quando seus filhos comem de tudo. Ensinamos os nossos filhos a conhecerem a importância de cada alimento, sem preconceitos. Professores sentem-se gratificados quando seus alunos demonstram gostar de todas as matérias com curiosidade e empenho. Ensinamos a valorizar todas as áreas do conhecimento. Por que não conseguimos dar o mesmo valor ao convívio com aqueles que são diferentes de nós? (APARECIDA, 2007. p.53)

Por que não conseguimos ensinar a riqueza das diversidades de culturas, costumes de cada povo, diversidades de aparências e diversidade sexual? Pode ser uma comparação bem simplista, todavia, é simples viver em comunidade quando não há um lado opressor.

Não cabe dizer, repito: não cabe dizer que no meu tempo não era assim, ou que fui educado dessa outra maneira! Ontem, vivíamos em cavernas, depois fomos construir nossas casas nos campos e hoje vivemos em caixotes de concretos e cimento. O mundo antes, culturalmente falando, mudava em milênios, depois em séculos, hoje podemos contar a história em décadas. A cada mudanças evolucionistas novas diferenças vão surgindo; o que nos leva a um processo de assimilação e transformação constante. As informações estão na net e são compartilhadas pelas redes sociais, salvo uma parcela da população que realmente são excluídas de /ao acessa a net.

É saudável diferenciar-se do outro, conhecer os limites entre mim e o outro; manter a capacidade de dissociação para a análise de pertencimentos como traços físicos e psicológicos. Identificar no outro o que tem ou que falta em mim e vice-versa. Não ter essa capacidade é sinônimo de “doença mental”; no sentido do caráter e não psicobiológico. No entanto, utilizar-se desta diferenciação para inferiorizar, separar o outro; atribuir valores negativos dentro das categorias que criamos, é desumano, é perverso, é fascista.

É fundamental perceber que o processo de identificação implica que estejamos abertos a nos relacionarmos com aquilo que é diferente de nós: a dialogar com as diferenças, pois é a partir deste diálogo que incorporamos novos conteúdos a nós mesmos, abandonamos antigos, nos transformamos. Gisele, pontua muito bem este processo.

“Diferenciar é essencial para a formação da identidade humana. O que faz toda diferença é quando associamos diferenças a valores e hierarquias que são pontos de partida para o exercício do poder e da dominação. É quando oferecemos tratamentos diferenciados a alguém em função das categorias que criamos e dos valores que atribuímos aqueles que inserimos nestas categorias”.

O diferente pode nos causar sensações variadas: medo ou atração; desejo ou repulsa. Todavia, quando o outro não é totalmente diferente de nós, ou seja, quando é diferente, mas, ao mesmo tempo, tem algo que nos parece familiar, esse outro nos abala. Alguns teóricos acreditam que os heterossexuais convictos não se sentem ameaçados pelos LGBTT por isso, não vê razões para a discriminação, por outro lado, como quase uma geral, a maioria das pessoas homofóbicas não estão tão seguras de seus “segretos desejos”, por isso atacar é um ato de negar a si mesmo.

Leandro Karnal, sintetiza a homofobia com a seguinte frase: “Todo ataque homofóbico é sempre o choque entre dois gays. Um que vive livremente a sua sexualidade e o outro que não”.

Foram os homens da filosofia, sobretudo do campo da religião é que criaram definições para categorizar e vestir moralmente a conduta, a cultura de um povo ou determinado seguimento. Essa filosofia racionalizada serviu de parâmetro para balizar todos os povos, hierarquizando-os.

Penso que as pessoas fundamentalistas, radicais em suas atitudes demonstram querer a volta do período da inquisição. São contraditórios em

muitos aspectos, num deles é dizer que somente Deus é capaz de julgar e mandar os “pecadores” para o inferno, todavia, essa classe vive a nos julgar e nos condenar disseminando um discurso de ódio. Para quem crê em Deus, isto sim é uma heresia: querer ocupar o lugar de Deus no julgamento alheio.

Não são capazes de obedecer e respeitar uma condição dada pelo seu próprio Deus: “o livre arbítrio”. Essas pessoas coronéis da fé, mercadores da religião e fiscalizadores de corpos estão doentes de si mesmas!

Essa classe que aqui vou denominar “desequilibradas” não se dão conta que estão com seus discursos de ódio, armando as mãos dos assassinos da população negras e LGBTTI. Isto as fazem coautoras das violências e assassinatos cometidos diariamente em todos os continentes. Para mim estas pessoas também são assassinas cúmplices. O que tem por trás disso?

Que perigo nós negras e negros lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, oferecemos? Por que temos que continuarmos a ser assassinadas?

Parece ser senso comum que os LGBTTI, os negros e os pobres representam mais perigo à sociedade do que héteros, brancos e ricos! Conceito totalmente homofóbico, racista, eugenista e fascista.

A própria expressão de sexualidades e identidades não normativas frequentemente é considerada suspeita, perigosa para a sociedade, ou ameaçadora da ordem social e da moral pública. As expressões de afeto em público ou a circulação em espaços públicos de pessoas com orientações sexuais ou identidades de gênero não normativas são geralmente fonte de grande ansiedade social

Reich (1972), faz uma análise de que o recalque sexual e o medo da sexualidade são devidos à sociedade patriarcal baseado na economia privada. A ideologia da alma e da pureza é a ideologia da assexualidade da pureza sexual. Ora, esses nossos perseguidores por viverem sobre uma economia sexual querem não só controlar os nossos corpos sociais, mas sobretudo nossa sexualidade e nosso sexo. Muita pretensão!!! Dentro do patriarcado que é produzido a ideologia fascista que separa as necessidades sexuais eróticas dos sentimentos de defesa morais inerentes às estruturas humanas. A sexualidade passa a ser entendida como obra demonizada necessitando ser domesticada, acorrentada, lincando a libido humana a uma hipócrita moral cristã.

Vejam ao absurdo que chegamos, pessoas heterossexuais também são violentadas, mortas ou discriminadas por serem “percebidas” como LGBTT. Simplesmente por se parecerem fisicamente, no gestual ou vestimenta contrárias ao sexo biológico. Qualquer coisa ou situação que fuja do padrão binário: homem azul, mulher rosa é argumento para ser cancelado.

Percebas o quanto é atual e adaptável este trecho do livro de Reich: “Escuta, Zé Ninguém”: Tomo aqui a ousadia poética de troca o termo original “JUDEU” por “LGBTT”.

“E sobre os teus desatinos levantas exércitos capazes de assassinar dez milhões de pessoas, porque são **“gays, lésbicas, travestis e transexuais”**, sem que tu saibas dizer o que é **gays, lésbicas, travestis e transexual**. E é por isso que és um ridículo, que melhor é evitar-te, é por isso que permanece no lameiro. Quando dizes **gays, lésbicas, travestis e transexual**, sentes te superior. E é forçado a dizê-lo pela tua própria miséria, pois o que mata **gays, lésbicas, travestis e transexual** é o que sentes que tú próprio és, Mas isto é apenas uma ínfima parcela de tua VERDADE, Zé ninguém.” (REICH, 1972, p.62)

E quando, nós negros ou LGBTTS, reagimos com as defesas legais disponíveis, os fascistas tendem as nos tornar de vítimas em réus; insistem em afirmar que tudo não passa de um “MAL-ENTENDIDO”.

E para encerrar a minha fala, cito um trecho do meu trabalho de conclusão de curso pós-graduação de História e Cultura da África:

“É necessário conhecer o alcance psicológico sobre as massas em relação às frases, piadas e outros atos e ações homofóbicos e racistas camuflados com um sentido místico e avaliá-los convenientemente para compreender o seu alcance político. Nada é por acaso, nada é “UM MAL-ENTENDIDO”. (SANTOS, 2015, p.26)

Em tudo há uma intencionalidade, seja simbólica, física ou abstrata, seja pessoal ou coletiva, seja consciente ou inconsciente, seja para o bem ou para o mal.

Estamos aqui e vamos continuar porque não vão nos calar!

Nós negras e negros LGBTTs optamos por trocar o “D” por “R” é ao invés de desistir vamos RESISTIR!

Contra o racismo e a LGBTTfobia nossa luta é todo dia!



Membro Fundador Grupo CORSA - São Paulo/ SP – 1996, Membro Fundador Rede Afro LGBTT - Brasília/DF – 2005, Membro Fundador Red Afro LGBTI de America Latina y el Caribe - Barranquilla/ Colômbia – 2017, Editorial Revista do Carnaval do Povo - São Paulo - 2021, Graduação em Serviço Social (2014), Pós-Graduado em História e Cultura Afro Brasileira - UNISAL (2015), Avaliador de Carnaval - UESP / EFA - São Paulo/SP - desde 2018, Prêmio Força da Raça - Campinas / SP – 2010, Diploma Honroso Zumbi dos Palmares da Câmara Municipal de Campinas – 2011.

#### **PARA SABER MAIS:**

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. SP: Editora Martins Fontes. 1972.

SANTOS, Gislene Aparecida. **Percepções da diferença**. Vol. 1. “Coleção Percepções da Diferença: Brancos e Negros na Escola. São Paulo: NEINB, 2009

SANTOS, Marcos César Gomes. **Rede Afro**: Quando o movimento LBGTT diz que não e nós afirmamos que sim, há racismo. Monografia do curso de Pós-Graduação em História e Cultura Afro-Brasileira. Centro Salesiano Universitário de São Paulo. 2015. 90p.